Ñanduty
ISSN: 2317-8590

NASCIMENTO, V. A. **"YO SOY PARAGUAYO, CHAMIGO": BREVE ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE NO PARAGUAI**. 2012. 177 p. Dissertação – Universidade Federal da Grande Dourados [UFGD].
Dourados - 2012.

BRUNA EGIDIO BENITES

Valdir Aragão do Nascimento é mestre em Antropologia pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia PPGAnt (Área de concentração: Antropologia Sociocultural) da Universidade Federal da Grande Dourados e graduado em Ciências Sociais [Bacharelado] pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2003).

Sua dissertação tem por objetivo analisar as características definidoras de diferenças entre os paraguaios de fronteira (Pedro Juan Caballeiro – PY) e os paraguaios da capital (Asunción – PY), tanto em sua relação com os brasileiros, no caso de Pedro Juan, quanto as diferenças presentes entre distintos locais no seio de um mesmo país. Dessa forma, a partir das premissas de Fredrik Barth, o autor lança o olhar sobre a existência de diferenças importantes entre as categorias de identificação principalmente entre paraguaios e brasileiros em uma situação de fronteira política. Isto porque, eles se dicotomizam entre paraguaios da fronteira e do centro, e, finalmente Nascimento investiga como esses status étnicos acabam sendo diluídos na busca de uma identidade nacional; fazendo jus às teorias do contato em Barth que pressupõem aproximações e dispersões dependendo das necessidades efetivas de relação entre determinados grupos.

O autor ainda faz uma breve análise de como a mídia influenciou na formulação da identidade paraguaia, bem como também possui papel importante na construção do imaginário relacionado à fronteira como lugar de criminalidade e violência.

A obra é constituída de três capítulos. No primeiro deles, intitulado **Fronteiras: breves aportes**, o autor traz a contribuição de algumas teorias das ciências sociais no debate sobre fronteira e identidade. Logo no início, impressiona a quantidade de autores com os quais estabelece diálogo e a forma encadeada com que eles vão surgindo ao longo do debate. Um detalhe que chama a atenção é que Nascimento não mantém um debate direto com cada um dos autores tentando dialogar com eles, e se os utiliza é como uma ilustração das diferentes formas de abordagem do seu objeto de pesquisa (a fronteira), deixando explícito quais das inúmeras teorias expostas lhe foram úteis para refletir sobre seu campo.

Nesse sentido, o autor busca retomá-la de modo linear e histórico, desde as concepções iluministas até as contribuições da sociologia pós-moderna de autores como Homi Bhabha, Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Além disso, o capítulo ainda conta com uma análise interessante sobre a globalização e seus desdobramentos na constituição psíquica dos indivíduos.

No segundo capítulo, intitulado **Paraguai/Brasil Brasil/Paraguai: Encontros e Desencontros**, é onde Nascimento faz a discussão sobre os dados obtidos em campo a partir de suas observações e entrevistas.

Existem dois pontos muito interessantes nessa parte do texto: em primeiro lugar, a descrição que ele realiza de como os meios de comunicação paraguaios cria(ra)m um mito sobre a guerra do Paraguai. Esses meios trazem consequências importantes que, de certo modo estruturam a categorias atribuídas aos brasileiros (como por exemplo, gananciosos e imperialistas) pelos paraguaios, desde o pós-guerra até os dias atuais. E em segundo lugar, como a mídia ao noticiar apenas coisas negativas sobre a fronteira, a exemplo do tráfico de drogas e da violência, cria no imaginário tanto do brasileiro, como do paraguaio do centro (Asunción) a imagem da fronteira como local de perigo e de contravenção.

Nascimento ainda realiza um interessante debate sobre a contrastividade das identidades de brasileiros e paraguaios na fronteira Pedro Juan / Ponta Porã. Para ele, esta contrastividade assenta-se em preconceitos gerados em ambos "os lados", mas ainda assim, converge para as relações de interdependências entre os moradores tanto do lado paraguaio, quanto do lado brasileiro da fronteira. Relações essas que o autor identifica serem mais intensas no trabalho e nos laços de parentesco, através de casamentos entre brasileiros e paraguaios. Aponta ainda para a problemática de brasileiros proprietários de terras no lado paraguaio e os conflitos internos gerados a partir dessa realidade.

Seguindo ainda os ensinamentos de Barth, o autor tenta enumerar e analisar as principais categorias identitárias elencadas pelos pedrojuaninos para sua auto-identificação, sendo elas: fronteirizo, brasiguaio e paraguaio. O objetivo de Nascimento é o de entender se existe uma categoria exclusiva para a realidade de fronteira, averiguar se o paraguaio de fronteira possui um status étnico diferenciado. Nesse ponto ele não chega a uma resposta definitiva, pois diferentes camadas da população apresentaram diferentes formas de se classificar em contrapartida aos engessamentos das próprias

políticas de identidade. O que fica patente em sua pesquisa é que o paraguaio se atribui um status "hibrido" de brasiguaio, por exemplo, com muito mais fluidez ou "naturalidade" do que o brasileiro.

No terceiro capítulo, intitulado **En las Calles de Asunción**, Nascimento busca comparar os dados coletados em Pedro Juan Caballero, com os coletados em Asunción a fim de comparar as imagens de um e de outro, presentes no imaginário do povo paraguaio e alimentado pela mídia, tais como o desconhecimento e o preconceito.

Nessa parte do texto, o autor destaca que tanto os moradores da fronteira quanto os do centro minimizam os impactos da violência em sua cidade e creem que o "outro" sempre é mais violento. A maioria desses discursos é justificada pelos interlocutores segundo notícias veiculadas na Tv, rádio e jornais. Porém, ainda assim existe uma grande "demonização" da fronteira pelos habitantes do centro. Isso se manifesta, segundo o autor, nas piadas, nas abordagens policiais realizadas em moradores de Pedro Juan que visitam a cidade de Asunción. De modo geral, os preconceitos são alimentados de ambos os lados, ao passo que nesse sentido o registro da nacionalidade existe sobre a base de um discurso homogêneo, de características que definem o povo paraguaio. Assim, de dada maneira pode-se perceber o quanto as estigmatizações caminham de mãos dadas para a reafirmação da identidade nacional, em alguns contextos relacionais. À medida que os discursos de ambos os lados e entre si são ressignificados nos mais diversos contextos relacionais.

Dois pontos das conclusões do autor sobre a pesquisa como um todo são de grande valia para a compreensão dos temas de fronteira e identidade: em primeiro lugar, que a relação de Pedrojuaninos e brasileiros, baseadas entre um "nós e eles", embora alimentada por preconceitos de ambos os lados, admitem um hibridismo, pelo menos por parte dos paraguaios, onde é necessária a vida em comum na fronteira através das trocas materiais, do comércio, e eventualmente dos casamentos. Ao passo que em um segundo momento, a dicotomia "nós – nós mesmos" existente entre Pedrojuaninos e Asucenos é marcada pelos preconceitos, onde há uma maior diferenciação e negação do outro, constituindo assim diferenças marcantes no seio de um mesmo grupo étnico.

Por fim, o autor lança o olhar sobre as fronteiras como universo ímpar de análise, sendo portadora de vivências próprias que influem de forma definitiva no cotidiano, tanto de seus habitantes, e que é formada e reformulada pelo medo, desconhecimento e preconceito.